

ARTIGO

EM BUSCA DO PRIMEIRO JARDIM NAS AMÉRICAS

RESUMO: Atravessar fronteiras, partir alhures em busca de novas paisagens, partir pelo simples prazer da errância, o retorno ao Jardim Adâmico - às origens - são assuntos que atravessam as literaturas das Américas. Autores com seus personagens andarilhos errantes, exilados de forma voluntária ou involuntária, povoam as literaturas do Continente Americano. O romance O primeiro jardim (Le Premier jardin), de Anne Hébert, escritora quebequense e o conto Os despojos (Los Despojos), de Carlos Fuentes, escritor mexicano de origem panamenha, apresentam personagens centrais que, em busca de suas identidades, empreendem viagens além de suas fronteiras. Essa identidade procurada alhures é encontrada quando esses personagens fazem a viagem de volta ao primeiro jardim, ou seja, às suas origens. O objetivo desse artigo é o de mostrar em quais circunstâncias esses personagens fazem a viagem de volta às suas origens.

Palavras-chave: Américas, jardim, despojos, identidade, origens.

Résumé

Surmonter les frontières, partir ailleurs à la quête de nouvelles paysages, partir pour le simple plaisir de l'errance ainsi que le désir du retour au Jardin Adamique, c'est-à-dire aux origines, ce sont des sujets qui traversent les littératures des Amériques. Des auteurs avec ses personnages errants, exilés d'une façon volontaire ou pas, peuplent les littératures du Continent

¹ Professora de francês do Departamento de Línguas Estrangeiras da Universidade Federal de Roraima

Américain. Le roman *Le Premier jardin* de Anne Hébert, écrivaine québécoise et le conte *Los Despojos* de Carlos Fuentes, écrivain mexicain d'origine panaméenne, présentent des personnages principaux qui, à la quête de leurs identités, entreprennent des voyages qui dépassent leurs frontières. Ces personnages retrouvent leurs identités cherchées ailleurs quand ils font le voyage de retour au premier jardin, c'est-à-dire à leurs origines. Le but de cet article est celui de montrer dans quelles circonstances ces personnages font le voyage de retour à leurs origines.

Mots-clés: Amériques, jardin, dépouilles, identité, origines.

As tentativas de consolidação das identidades americanas tem em comum o caráter heterogêneo resultante de um processo de colonização que favoreceu o contato de diferentes povos e culturas, favorecendo o surgimento de uma literatura que tem como marca de nascimento a situação colonial, apresentando personagens confrontados com a língua e os costumes do Outro. A literatura das Américas é marcada por personagens que atravessam fronteiras tanto do tempo quanto do espaço em busca de novas paisagens, de novas tramas, mas também em busca de suas origens; personagens querendo fazer a viagem de volta ao seu jardim adâmico.

Este artigo que não pretende ser exaustivo, tenta fazer uma aproximação entre o romance *O primeiro jardim* (*Le Premier jardin*), da escritora quebequense Anne Hébert e o conto *Os despojos* (*Los Despojos*), do escritor mexicano de origem panamenha Carlos Fuentes, considerando a convergência dessas duas obras no que diz respeito ao mito do Jardim do Éden ou do primeiro jardim como retorno às origens assim como as circunstâncias da viagem de volta às origens de seus personagens. O mito das origens, a travessia de fronteiras, a viagem de volta assim como o deslocamento e a errância estão presentes na literatura desde os textos antigos. Um bom exemplo é *A Odisseia* de Homero na qual o personagem Ulisses empreende uma longa viagem mas sua relação com a terra materna, o seu sofrimento da distância o trazem de volta a Ítaca, sua pátria. Ao contrário de Ulisses, Jasão, herói tessálico, é associado à errância visto que ele parte com a expedição dos Argonautas para conquistar o Tosão de Ouro na Cólquida e durante a longa viagem casa-se com uma mulher de outra raça (Medéia), evidenciando de certa forma, sua falta de laços com suas origens.

O primeiro jardim, obra da escritora quebequense Anne Hébert, publicada em 1988, apresenta uma personagem que se volta para a busca das origens de seu país, em busca de suas origens. Através da busca identitária de seu país, ela busca sua própria identidade.

O conto Os despojos faz parte da coletânea A fronteira de cristal (La Frontera de Cristal, 1995), de Carlos Fuentes, escritor panamenho, radicado no México. A Fronteira de Cristal aborda a fragilidade que envolve a convivência dos dois povos presentes na fronteira entre México e EUA, a tensão desencadeada por tal situação e a problemática da fragmentação identitária desses dois povos fronteiriços.

É pertinente ressaltar que vários imigrantes latino-americanos de língua espanhola residentes na província francófona do Quebec tem em suas atividades culturais a expressão literária. Esses escritores são provenientes do Chile (José Leandro Urbina...), do México (Gilberto Flores Patino...), do Uruguai (Gloria Escobel...), de Cuba (Solange Gómez...), de El Salvador (Ana de Paca...), do Peru (Carlos Quiroz...), etc. Dentre esses escritores alguns escrevem em espanhol, outros escrevem diretamente em francês e em ambos os casos, suas obras são publicadas em Montreal e/ou em seus países de origem, fazendo valer a qualidade de suas produções. A obra desses escritores é marcada por descrições de suas experiências no exílio assim como por suas lembranças pessoais nas quais é possível observar, seja de forma direta ou indireta, o desejo do retorno às suas origens.

O PRIMEIRO JARDIM

Em O primeiro jardim – LPJ², Anne Hébert aborda o tema da reconciliação com o Eu mais íntimo, com as dores e os segredos que se escondem no íntimo de cada um. Flora Fontanges, personagem principal, é uma atriz de teatro aposentada, que vive na França, seu país de adoção e que decide voltar ao seu país de origem (Quebec-Canadá), respondendo a um convite “do diretor do Emérillon propondo-lhe representar Winnie em Oh ! Les beaux jours” (LPJ, p. 10)³, peça teatral de Samuel Beckett que também deixou seu país de origem, a Irlanda exilando-se na França.

² Doravante as indicações a esta obra serão feitas a partir da sigla LPJ, seguidas do número da página.

³ As traduções referentes à obra O primeiro jardim (Le Premier jardin), são de minha autoria.

De volta ao seu país, “onde ela havia jurado nunca mais colocar os pés” (LPJ, p. 10), Flora se vê diante de seu passado o qual ela acreditava ter abandonado para sempre, um passado que é sinônimo de sofrimentos e abandonos; uma infância de perdas e de tristezas; lembranças que Flora preferia deixar esquecidas em algum lugar de seu passado. A volta de Flora Fontanges ao Quebec, seu país de origem, é ao mesmo tempo uma volta a ela mesma. Flora quer elucidar suas origens que estão presas no passado que ela quer negar. Flora não conheceu seus pais biológicos; filha ilegítima, não conheceu seu pai e sua mãe morreu ao lhe dar a luz. Órfã Flora Fontanges é recolhida por religiosas de um orfanato que a batizam com o nome de Pierrette Paul, seu primeiro nome. Poucos meses depois de sua chegada, o orfanato é totalmente destruído por um incêndio; Pierrette Paul se vê diante de sua primeira decepção. Pierrette Paul renasce como Marie Eventurel, nome que lhe é dado por seus pais adotivos. Como uma fênix Flora Fontanges renasce das cinzas do seu primeiro jardim e carrega o nome de Eva em seu nome: Marie Eventurel – Eva em francês é Ève. Sem pais biológicos e com uma identidade fragmentada, Marie Eventurel cresce atormentada pelo fantasma do não conhecimento de suas origens. Aos 18 anos, Marie Eventurel parte para um exílio na França onde ela renasce como atriz de teatro, denominando-se Flora Fontanges, nome que ela escolhe para se metamorfosear e para negar o seu passado através dos mais variados personagens que ela representa. Sua nova identidade porém não a livra do fantasma da incerteza de sua origem. Como atriz de teatro ela poderá se transformar em várias pessoas, ela poderá ter várias identidades ou nenhuma, nenhuma origem. Incomodada com a incerteza de sua origem, Flora Fontanges recusa-se a reconhecer as ligações entre ela e seu país de origem assim como a semelhança entre ela e seu país no que diz respeito às origens de suas identidades.

As inquietações identitárias de Flora Fontanges e sua busca pela consolidação de suas origens apresentam semelhanças inegáveis com a busca da consolidação identitária de seu país, marcado por uma origem fragmentada, passando também por três identidades. Jacques Cartier, corsário de Saint-Malo, França, chega ao Novo Mundo - Canadá - em 1534, em nome do rei da França e o batiza de A Nova França. Flora Fontanges, órfã, chega ao seu novo mundo, o orfanato Saint-Louis sendo batizada por Pierrette Paul conhecendo

assim momentos de felicidade sob os cuidados das religiosas que a acolheram. Impulsionada pelo intendente Jean Talon A Nova França conhece um grande progresso e a colonização se desenvolve ao longo do Rio São Lourenço, enfrentando, porém as invasões da Inglaterra. Em 1763 cessa o regime francês com o Tratado de Paris através do qual a França cede todo o Canadá à Grã-Bretanha, começando então o regime britânico. Invasa pelos ingleses A Nova França se vê obrigada a aprender uma nova língua e novos costumes. Nesta ocasião a maioria dos nobres e funcionários franceses volta para a França, ficando sob o domínio dos britânicos, alguns colonos que defenderão sua língua e seus costumes de forma veemente. A Nova França perde o seu nome, perde a sua identidade, renascendo como Canadá Francês conhecendo assim a sua primeira derrota. Com o incêndio do orfanato Saint-Louis, Pierrette Paul perde seu pequeno paraíso, e sofre sua primeira decepção. Sem lar, é adotada, recebendo o nome de seus pais adotivos. Pierrette Paul passa a ter uma nova identidade tornando-se Marie Eventurel. O Canadá Francês chega a sua idade adulta emancipando-se sob o nome de Quebec, país formado a partir de identidades múltiplas. Em 1867, o Ato da América do Norte britânica, inaugura a Confederação canadense e a província do Quebec é instaurada no âmbito desta confederação com uma língua, uma cultura e um direito civil franceses. Nos anos 60 a província do Quebec torna-se uma espécie de nação e a literatura canadense francesa torna-se literatura quebequense. Ao atingir a maioridade, Marie Eventurel abandona a casa dos pais adotivos e parte em busca de suas raízes exilando-se na França, onde ela renasce sob uma nova identidade: Flora Fontanges, atriz de teatro, podendo desta forma, experimentar várias identidades; como seu país ela vive na confluência de várias identidades e como seu país, ela vive uma busca de suas origens e da definição de suas identidades.

De volta ao seu país Flora conhece Rafael, um jovem estudante de história e os dois começam a fazer um trabalho de pesquisa com o objetivo de ressuscitar a memória do país. Os dois retrocedem no tempo, chegando ao primeiro casal – Louis Hébert e Marie Rollet - que semeou e cultivou o primeiro jardim na floresta virgem da Nova França, gerando e dando origem ao seu país. Diante desta Eva e deste Adão da colônia francesa das Américas, Flora

biológica. Mas Flora é “órfã desde o primeiro choro e a primeira respiração” (LPJ, p. 100). Ela evoca as mulheres anônimas, as primeiras mães da colônia francesa, assim como ela dá vida e voz Às filhas do Rei (Les filles du Roi), mulheres totalmente anônimas ao longo da história do Canadá. As Filhas do rei chegaram ao Novo Mundo como carga comum. Depois de uma longa e penosa travessia em um veleiro, assombradas pela morte que as espreitava, elas desembarcam na Nova França ao lado de porcos, galos, galinhas, coelhos e vacas. Elas são expostas como animais que esperam seus compradores:

São escolhidas primeiramente as mais gordinhas (...). É preciso que elas tenham bastante gordura para suportarem os rigores do clima (LPJ, p. 97).

Como atriz, Flora Fontanges faz despertar a memória das Filhas do Rei, essas jovens que foram deportadas da França para povoarem a Nova França “com seus corpos devotados sem reserva ao homem, ao trabalho e a maternidade” (LPJ, p. 96). Representando no teatro o papel de Filhas do Rei (Barbe Abadie, Guilleumette Thibault, Renée Chauvreur, etc.), Flora Fontanges as recupera do esquecimento e do anonimato.

Com a ajuda de Rafael, Flora encontra suas raízes. Depois de explorar os arquivos da história de seu país, depois de dar vida e voz às mulheres anônimas de seu país, ela se dá conta de que ela está diante de sua mãe, diante da mãe de seu país, a mãe Eva, a primeira mulher que cultivou o primeiro jardim no Novo Mundo, Marie Rollet:

Um dia, nossa mãe Eva embarcou em um grande veleiro, atravessando o oceano durante vários meses, para vir até nós que ainda não existíamos, para nos tirar do vazio e do odor da terra inculta. Alternadamente loira, morena ou ruiva, às vezes rindo e chorando, ela é a nossa mãe, dando a luz com prazer, misturada com as estações, com a terra e com o esterco, com a neve e com o gelo, o medo e a coragem, suas mãos ásperas passando sobre nossas faces, arranhando nossas bochechas, e nós somos seus filhos (LPJ, p. 100).

Flora Fontanges não pode mais fugir da verdade inegável; as mulheres anônimas, as mães anônimas da Nova França assim como Marie Rollet e As filhas do Rei fazem parte da sua e da história de seu país da mesma forma que Pierrette Paul e Marie Eventurel se integraram à sua história pessoal. Observa-se que a história representada por Rafael e a arte representada por Flora Fontanges se colocam lado a lado na reconstrução do passado deles.

Flora Fontanges parte em busca de suas raízes, ela só as encontra quando ela volta ao seu país de origem, quando ela decide não mais se esconder de seu passado. De volta ao seu primeiro jardim, às suas origens, ela faz as pazes com o seu passado. “Seu percurso memorial permitiu-lhe definir sua identidade. O presente reinterpreto o passado; e o passado, em um perpétuo movimento de ida e volta, reinterpreto o presente.”⁴

OS DESPOJOS

Em *A fronteira de cristal* (la frontera de cristal) 1995, a fragilidade que envolve a convivência dos dois povos presentes na fronteira entre México e EUA e a tensão desencadeada por tal situação poderiam explicar o título da obra.

Assim como tem-se em *A fronteira de cristal* a problemática da fragmentação identitária de dois povos fronteiriços – México e EUA – tem-se também a fragmentação da narrativa. *A fronteira de cristal* foge ao padrão do romance linear apresentando nove narrativas autônomas que poderiam ser consideradas como contos. Nessas narrativas autônomas ou contos, Carlos Fuentes faz uma análise da realidade mexicana e norte-americana considerando o lado político, social, econômico, cultural e psicológico através de histórias independentes nas quais alguns personagens se repetem como Leonardo Barroso, fio condutor entre os diferentes contos e personagens. Os nove contos ou narrativas autônomas são ambientadas dos dois lados da fronteira e apresentam personagens que vivem ou tem uma relação direta com a fronteira México/EUA. Esses personagens atravessam a fronteira em busca de trabalho, vivenciando a fragmentação da identidade e da nacionalidade.

⁴FALARDEAU, Érick, Fictionalisation de l'histoire, *Le premier jardin*, d'Anne Hébert, In: *Voix et images*, vol. 22, nº 3, (66), 1977, p. 557-568, Presses de l'Université du Québec. (Tradução de minha autoria).

Como se poderia classificar esses personagens no que tange suas identidades? Seriam eles mexicanos, chicanos, estadunidenses, mexicanos-americanos?

No conto Os despojos o personagem Dionísio Rangel é um imigrante latino que teve uma vida pobre no México e que acredita no sonho americano, ou seja, acredita na possibilidade de uma vida melhor nos EUA. Dionísio Rangel:

Ganhou fama bem jovem, quando no programa de rádio Los niños catedráticos, sem titubear, deu a receita das tortinhas de tutano campesinas. (...) Entender de gastronomia pode ser fonte não só de fortuna como de magníficos banquetes, convertendo a necessidade de sobrevivência no luxo da vivência. Este fato definiu a carreira de Dionísio, mas não lhe deu uma meta superior (FC, p. 57)⁵

Acreditando na possibilidade de ter com a arte culinária uma profissão bem remunerada, Dionísio começa a nutrir um grande amor pela cozinha mexicana e despreza outras cozinhas que para ele tem um perfil pobre, como a cozinha dos EUA. Para Dionísio “só a cozinha mexicana era um universo em si” (FC, p. 57). Dionísio torna-se uma autoridade em cozinha mexicana, celebrado e bem pago, sobretudo nos EUA, país que para ele era dono de uma grande pobreza culinária. Dionísio se dizia não antiianque mas fazia questão de lembrar “que os gringos no século XIX, nos despojaram de metade do nosso território” (FC, p. 58)⁶, afirmando que “estávamos no momento crucial de recuperar a pátria perdida graças ao que se poderia chamar o imperialismo cromossômico do México” (FC, p. 58). Dionísio divulga a boa cozinha mexicana pelos EUA, aparecendo na televisão, publicando livros sobre a cozinha mexicana, ministrando cursos e conferências pelas universidades norte-americanas assim como participando de almoços e jantares e fazendo sempre suas críticas a cozinha norte-americana que para ele tinha gosto de

⁵ Doravante as indicações a esta obra serão feitas a partir da sigla FC, seguida do número da página.

⁶ Em 1848, após dois anos de uma luta desigual, os anglo-americanos tomaram quase metade do México.

O banquete se iniciava com uma salada de alface desmaiada, coroada com geléia de morango.(...) Seguiu-se o indefectível frango de borracha, que não se consegue cortar ou mastigar, servida com vagens duras e purê de batatas todo apaixonado pelo envelope de onde saiu. A sobremesa era uma simulação de Stawberry Shortcake, mas em versão esponja de banho. Por fim, um café aguado que permitia ver até o fundo da xícara e admirar os círculos geológicos que dez mil porções de veneno haviam deixado nela (FC, p. 59).

Durante suas palestras Dionísio observa seus alunos exibirem-se “com as bochechas cheias de hambúrgueres arrebetados, as panças de pizzas do tamanho de uma roda de carroça (...)”. (FC, p. 61) e quando as aulas e conferências terminavam Dionísio se sentava em frente de lugares como McDonald's, Fried chicken, Pizza Hut, os quais ele chamava de Catedrais do mal comer, para observar as pessoas gordas que vinham a essas catedrais satisfazerem sua insaciável gula com:

Milhares de milhões de batatas fritas, flocos de milho, massas de mel cobertas de noz e chocolate, cereais audíveis, montanhas de sorvete tricolor, coroados de amendoim e caramelo quente, hambúrgueres duros e delgados como solas de sapato e feitos de carne de cachorro (...) (FC, p. 67).

Dionísio quer validar a cultura e a identidade mexicanas perante os EUA através da sensação do prazer e do conforto desencadeados com o ato de comer; ele afirma que “era esta a cruz de sua existência: pregar a boa cozinha num país incapaz de entendê-la ou praticá-la” (FC, p. 58). Com a boa cozinha mexicana ele pretende subverter o paladar norte-americano através da ganância no ato de comer. De acordo com Bakhtin “a boca é a porta aberta que conduz ao baixo, aos infernos corporais. A imagem da absorção e da deglutição, imagem ambivalente muito antiga da morte e da destruição, está ligada à

grande boca escancarada” (BAKHTIN, 1999, p. 284). Dionísio quer executar sua vingança através da gula. Para Dionísio “se os gringos nos importunaram em 1848 com seu destino manifesto, agora o México lhes serviria uma sopa do seu próprio chocolate, reconquistando-os com mexicaníssimas baterias lingüísticas, raciais e culinárias” (FC, p. 59). Eis a vingança de Dionísio; a cozinha e a cultura mexicanas levariam os EUA a desfrutarem de uma boa culinária fazendo jus ao prazer não só da gula mas também ao prazer do conhecimento de uma cultura ancestral. De acordo com uma lenda asteca, as sementes do cacau foram trazidas do paraíso, por isso quem as comesse se tornaria sábio e poderoso. Mas a tentativa de Dionísio de disseminar a culinária e a cultura do México nos EUA é frustrada. Dionísio não consegue substituir “a hóstia nacional americana coberta de ketchup (Este É o Meu Sangue) e carregada de calorias (Este é o Meu Corpo)...” (FC, p. 67), pelas tortinhas de tutano campesinas cuja receita “consiste em 500 gramas de tutano, uma xícara de água, dois pimentões graúdos, setecentos gramas de massa, três colherzinhas de farinha e óleo para cozinhar” (FC, p. 84). Dionísio se reconhece como “uma vítima passiva da sociedade de consumo norte-americana” (FC, p. 62).

Um dia, ao norte de San Diego, depois de sair de um restaurante norte-americano, um American Grill, que de acordo com Dionísio, era um restaurante tradicional, onde se comia comida “verdadeira”, Dionísio se sente invadido por uma estranha angústia terrível, um sentimento de algo perdido, que ele deveria saber o que era, mas que ele não sabia. Dionísio caminha por longas horas até deparar-se com uma vitrine da American Express na qual ele vê um manequim representando um mexicano típico dormindo/fazendo a sesta, “protegido pelo largo chapéu, trajado de peão e de sandálias” (FC, p. 81). Dionísio se sente ultrajado diante do clichê e entra “violentamente na agência de viagens, sacudiu o manequim, mas este não era de madeira, era de carne e osso” (FC, p. 81). O modelo mexicano confessa que há dez anos está perdido ali e que “como aqui me contratam para dormir sestas em vitrines, e se não há serviço posso insinuar-me e dormir à vontade em colchões e espreguiçadeiras, a comida sobra...” (FC, p. 81). Dionísio se dá conta da discriminação direcionada aos mexicanos, agarra o manequim pelo braço e o leva para o sul do Vale da Morte.

Tudo, despoje-se de tudo, despoje-se de sua roupa, como o faço eu, veja tudo se espalhando pelo deserto, vamos de volta para o México, não levemos uma única coisa gringa, nem uma só, meu irmão, meu semelhante, vamos despídos de volta à pátria, já se divisa a fronteira, abra os olhos, você vê, sente, cheira, saboreia ? (...) Vamos para a fronteira, vamos, meu irmão, chegue nu como nasceu, volte despido da terra que tem tudo à terra que não tem nada (FC, p. 84).

Invadido pela sensação de perda daquilo que ele não sabe definir, talvez a incerteza de sua identidade e ultrajado diante do clichê que atribui indolência ao mexicano, Dionísio se sente despojado de si mesmo, de suas raízes, aquele país de cozinha pobre, de comida com gosto de plástico, está devorando suas origens. Dionísio decide voltar ao seu Jardim do Éden, ao seu primeiro jardim... e da terra ele veio – a fronteira, o deserto – e para a terra ele volta – a mesma fronteira, o mesmo deserto.

ANÁLISE

Os personagens Flora Fontanges – O primeiro jardim e Dionísio – Os despojos – atravessam suas fronteiras geográficas partindo para o exílio fora do jardim de Adão e Eva – suas origens. Ambos carregam consigo um pedaço de seus respectivos jardins. Flora renasce no exílio como atriz e com o nome de flor: Flora. Como atriz ela pode se metamorfosear em várias outras flores, ou seja, ela poderá representar vários papéis cujos personagens poderão ter nomes de flores como Margarida, Verbena, Gardênia, Cecília, Rosa Amélia, etc. Dionísio parte para o exílio com suas receitas e seus temperos no pensamento acreditando poder semeá-los e cultivá-los no jardim do Outro. Flora Fontanges encontra um solo fértil para semear suas flores, seus papéis teatrais; ela torna-se uma atriz conhecida e respeitada e volta às suas origens em grande estilo visto que ela volta como convidada por um diretor de teatro para representar um grande papel – a personagem Winnie da peça de Samuel Beckett, *Oh ! Les beaux jours*. Ao contrário de Flora Fontanges, Dionísio não encontra um solo propício às suas receitas do outro lado da fronteira; ele semeou suas receitas e temperos

mas estes não floresceram no jardim do Outro onde só crescia “alfaces desmaiadas” (FC, p. 59). Diferente de Flora Fontanges que floresceu no jardim do Outro, Dionísio sentiu um grande desencantamento por tudo o que ele viu muito além do seu jardim, foi invadido pela tristeza e desilusão das “extravagâncias norte-americanas (...), da sociedade uniforme, robotizada, sem personalidade culinária” (FC, p. 65). Dionísio decide voltar ao jardim e à proteção da mãe Eva; no seu primeiro jardim ele encontra todas as especiarias para dar continuidade a sua arte, a arte culinária, e ele poderá regalar-se novamente com a “delícia suprema que é o guisado amarelo de Oaxaca (dois pimentões graúdos, dois pimentões novinhos, um tomate vermelho, 250g de tomatinhos verdes, duas colheres de coentro, duas folhas de erva-de-santa-maria, dois grãos de pimenta do reino)” (FC, p. 57). Dionísio torna-se le grand chef da gastronomia mexicana.

De uma forma consciente ou não Flora guarda um elo muito forte e presente com o seu passado; ela é obsedada pela idéia do retorno às origens. Terminada a viagem da volta ao seu Jardim Adâmico e em paz com o seu passado e consigo mesma, Flora Fontanges volta ao seu país de adoção e ganha um novo papel teatral. Flora está de volta à vida e sem nenhum fantasma do passado. “Mas a imagem do primeiro jardim não desaparece totalmente visto que nós estamos sempre tentando reproduzi-la.”⁷ Assim como Flora Fontanges, Dionísio encontra sua estabilidade identitária quando ele retorna ao seu Jardim do Éden, ao seu primeiro jardim, às suas origens. Ao contrário de Flora Fontanges que após o retorno às origens, decide retomar a sua vida de atriz no seu país de adoção, Dionísio quer dar continuidade à sua arte no seu país de origem. Dionísio quer voltar e deixar para trás “as cervejas insípidas e os cafés aguados, as pizzas gordurosas e os gelados hot dogs” (FC, p. 84), deixando para trás até as roupas que poderiam lhe lembrar algum tipo de dependência daquele país que não soube valorizar a sua cozinha e a sua cultura.

7 COUSINEAU, Geneviève, La maison, le bungalow et le home: en route vers un nouveau jardin d'Éden, In: IMBERT, Patrick, Le jardin des Amériques:éden, home et maison: le Canada et les Amériques, Université d'Ottawa, Ontario, Canada, 2007, p. 68. (Tradução de minha autoria).

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, M., A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Tradução: Yara Frateschi. 4. ed., Editora da Unb, Brasília, 1999;

FUENTES, Carlos, A fronteira de cristal, tradução, Rocco, Rio de Janeiro, 1999;

HANCIAU, Núbia, Brasil/Canadá: visões, paisagens e perspectivas, do Ártico ao Antártico, ABECAN/FURG, Rio Grande, 2006;

_____, La représentation de la femme dans l'oeuvre romanesque d'Anne Hébert, In: BÉLANGER, A; HANCIAU, N; DION, S., L'Amérique française: introduction à la culture québécoise, Rio Grande: FURG, 1998;

HÉBERT, Anne, Le Premier Jardin, Les Éditions du Boréal, Montréal (Québec), 2000;

HOMÈRE, Odyssee, trad. Ph. Jaccottet, Maspero/La Découvert, Paris, 1982;

IMBERT, Patrick, Le jardin des Amériques:éden, home et maison: le Canada et les Amériques, Université d'Ottawa, Ontario, Canada, 2007.